



Hélio Campos Mello

Na biblioteca de seu solar paulistano: "O homem cordial é apenas um grande mal-entendido"

RECORDAÇÕES

# O que a História deve a Sérgio Buarque

Inimá Simões e Walter Zingerevitz

Algumas bibliotecas conhecem o sr. Sérgio Buarque de Holanda como um naturalista: seu livro, *Raízes do Brasil*, ostenta orgulhosa posição nas estantes de Botânica, entre samambaias e leguminosas. Outras o confundem com um místico: *Visões do Paraíso*, outra obra sua, emparelha-se, nas prateleiras, com livros de teologia. Os jovens suspeitam que esse senhor deve ser aparentado com o Chico, a Cristina, a Miúcha (os mais árgutos sabem que, na verdade, ele é o chefe do ilustre clã musical). Os velhos imputam-lhe um parentesco com o Aurélio, do dicionário.

Sérgio Buarque de Holanda, 74 anos jamais confessados (e para que confessá-los, se sua vitalidade física, sua inquietação intelectual, sua rebelião social não o deixam demonstrar?). Sérgio Buarque de Holanda, livre dos equívocos, ensaísta, sociólogo, histo-

riador. Certa vez, o professor Antônio Cândido confessou que sua geração aprendeu a refletir e a pensar o Brasil a partir de três livros clássicos, fundamentais: *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Jr., e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Este último livro está hoje em 8.<sup>a</sup> edição — o que quer dizer que outras gerações posteriores continuaram a se alimentar da fonte generosa de seus ensinamentos.

E não só daí: *Cobra de Vidro*, *Monções*, outros livros seus que ficaram. Ainda recentemente, seis, sete anos atrás, ele se meteu numa animada empreitada: a publicação de uma História Geral da Civilização Brasileira, aos moldes daquelas ambiciosas enciclopédias históricas francesas ou britânicas. A Difusora Européia do Livro incumbiu-lhe de coordenar a

edição dos cinco primeiros volumes, referentes ao Brasil Colônia. Hoje, a memória histórica brasileira já não pode se queixar: possui a mais completa obra que se poderia escrever sobre o período.

"Não está certo". É um velhinho infatigável. Recluso, por obra de uma dolorosa fratura no fêmur, em seu solar paulistano, ele se entrega a tarefas como reelaborar um velho trabalho seu sobre o Império. Aposentado na Universidade de São Paulo, ainda aparecia periodicamente na Faculdade de História, para compor bancas examinadoras. Mas a imobilidade forçada o segura agora em casa, impedindo-o também de levar sua intransigência política a Portugal, por exemplo, de onde recebeu faz pouco tempo um convite, feito pelo "Comitê de Campanha contra o Apartheid". Tanto ele quanto seu filho, o compositor, eram convidados de honra.

O que não significa que esse respeitável pesquisador permanece ilhado entre os 12 mil volumes de sua biblioteca, dividida em dois andares ("na parte de baixo, ficam os encadernados, mais bonitos", aponta com sua bengala, sorrindo). Não, por ofício e por disposição, esse senhor gosta de se manter informado. A política é um prato que ele saboreia com o mesmo prazer com que fuma dois ma-

ços de cigarros *Gauloise* por dia ou ainda bebe um bom uísque. As referências da História sempre vêm à tona de suas considerações, é claro:

“Antes, eles faziam as eleições sabendo que estava errado. Hoje não, já é institucionalizado. O erro, na Primeira República, era um desrespeito à Constituição. Hoje não, faz parte das instituições. Há uma diferença muito grande. Democracia pura nunca existiu em parte alguma do mundo. As normas democráticas, os padrões, sempre existiram, são padrões universais, que tentam chegar ao ideal. Mas transformar o que era erro em verdade — não se votava direito, então não se vota mais — isso não está certo”.

**Cordiais e exaltados.** A política, a Universidade, os militares, as mulheres, o drama racial, a censura, a música popular, evidentemente — nada escapa à percepção desse homem. Discorre sobre tais temas com a sábia pachorra de um velho que conta histórias a seus netinhos. Fala do “homem cordial” — expressão por ele cunhada, na década de 30, para explicar o fenômeno das revoluções incruentas pelas quais o país passou.

— Recentemente, o sr. disse a um jornal que “o homem cordial” morreu. É verdade isso?

— Isso foi o jornal que disse, não eu. Disse que a expressão “homem cordial” era usada no sentido etimológico, não no sentido de “cordiais saudações”. Então, o sujeito pode ser cordialmente inimigo ou cordialmente amigo, não é obrigatoriamente uma posição de concórdia; pode ser de discórdia.

Quando usei a expressão, quarenta anos atrás, o Cassiano Ricardo escreveu um livro a propósito, usando o sentido de homem bom. Mas eu não usava no sentido ético, e isso eu já disse uma outra vez, em resposta a ele: que o homem cordial morreu e que se estava gastando muita cera com o defunto.

— Mas, por quê?

— Hoje, não usaria a mesma expressão pelos mal-entendidos que ocorreram. Eu não escreveria o mesmo livro, porque mudei a minha opinião, não penso da mesma maneira de quarenta anos atrás. A expressão é ambígua. Certa vez, estava assistindo *O Cangaceiro*, na Itália, e um amigo meu me perguntou: esse é que é o homem cordial brasileiro?

— Hoje, como é que o sr. o chamaria?

— O fenômeno do “homem cordial” ocorria num meio mais rural. Mas eu não acho que o Brasil seja

muito diferente dos outros países. O alemão, por exemplo, com todas aquelas atrocidades dos nazistas. Hoje, existem monumentos para o povo não esquecer Dachau, Auchwitz (“Guardemos esses nomes para que nunca mais aconteça”). Mas não podemos dizer que o alemão seja mais bruto, mais duro, mais cruel. Ao contrário, ele é, em geral, muito sentimental. Eu via homens chorando no cinema com os filmes mais românticos. O romantismo nasceu lá. Isso mostra que a brutalidade pode florescer até num meio assim.

— Em 1964, houve uma retomada do acordo?

— É, acho que sim. Os exaltados vieram mais tarde. Aliás, o Joaquim Nabuco disse uma vez: Há pessoas



“Os exaltados só vieram depois de 1968”

sem as quais não se pode fazer revolução, mas com as quais não se pode governar. No Brasil, sempre foi assim. Na República, por exemplo, surgiram o Silva Jardim, o Lopes Trovão; que depois sumiram. Na revolução de 64 aconteceu o contrário: no começo ainda eram os moderados. Os exaltados só tomaram conta do governo depois de 1968.

**Descoberta.** A erudição histórica desse homem, ele teve de construí-la sozinho. Como, de resto, os poucos que se aventuraram, como ele, pela História do Brasil, naqueles tempos heróicos e ingratos do *faroste* da pesquisa. Era uma batalha penetrar nos arquivos, quanto estes existiam — lembra. Mas não tem rancor do que passou. Nem cai, como os velhos costumam cair, na arenga de que os historiadores de hoje já não são como os de antigamente.

**Os *brazilianists*?**

— Eles estão aí não é de hoje. E não são só norte-americanos. Um inglês, Russel-Wood, por exemplo, fez uns quatro anos atrás um trabalho sobre *Fidalgos e Filantropos na Bahia*. Levantou dados sobre a Santa Casa de Misericórdia local e descobriu, através das atividades dos provedores, que já no século XVIII os senhores de terra estavam perdendo o poder para os comerciantes que se enriqueciam. Um outro historiador inglês, Maxwell Kent, estudou a Inconfidência Mineira, mostrando que os argentinos estavam endividados e, ao mesmo tempo, ligados com o próprio governador. Queriam e não queriam se ver livres da Metrópole. Joaquim Silvério dos Reis foi um deles. Tem até um coreano, do Californian State College, dos EUA, chamado Chu Pang. Escreveu *Os Mandarins do Brasil Imperial*. Um trabalho muito interessante, sobre o mandonismo no interior da Bahia. Talvez porque Pang seja de um país subdesenvolvido também e, com isso, tivesse mais elementos de comparação com o Brasil. Foi o que ele fez: comparou o senhor local com o mandarim chinês. Superou o problema maior dos *brazilianists*, que, em geral, trabalham presos a um ponto de vista de fora, de país desenvolvido.

— Mas os *brazilianists* não são, muitas vezes, favorecidos pelas próprias repartições brasileiras?

— Não se pode dizer, como às vezes se faz (e se faz isso desde o século XIX, quando o inglês Robert Southey escreveu sua História do Brasil), que os *brazilianists* sejam considerados indesejáveis. Indesejável é não termos nós as mesmas condições que eles têm.

Eu me lembro do Robert Lewin, que veio pesquisar o levante de 1935. Conseguiu material inédito nos arquivos da Polícia Militar de Natal, do Recife, do Rio. Perguntei a ele como tinha conseguido. “Tenho a impressão de que somente porque sou norte-americano.”

— Como se pode explicar essa, assim chamada redescoberta da História do Brasil?

— Estive, por volta de 1965, quando esse interesse despertava, na Califórnia. E perguntei ao professor Borah, diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Berkeley, se ele também estava notando o fenômeno. Ele justificou: Cuba. Se Cuba já dá tanta dor de cabeça, imagine um país que é a metade da América do Sul.